

Tecendo pontos: a Umbanda e a importância da etnomatemática na escola

Connecting dots: Umbanda and the importance of ethnomathematics in school

DOI: 10.55905/oelv21n6-077

Recebimento dos originais: 23/05/2023

Aceitação para publicação: 26/06/2023

Sheila Katrini Ferrari Visconde

Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Instituição: Universidade Federal do Sul da Bahia

Endereço: S/N, Rodovia BR-367, Km 10, Zona Rural, Porto Seguro - BA,

CEP: 45810-000

E-mail: sheilaferrari@hotmail.com

Francisco de Assis Nascimento Junior

Doutor em Educação

Instituição: Instituto de Humanidades, Artes e Ciências do Campus Sosígenes Costa da

Universidade Federal do Sul da Bahia

Endereço: S/N, Rodovia BR-367, Km 10, Zona Rural, Porto Seguro - BA,

CEP: 45810-000

E-mail: Francisco.nascimento@ufsb.edu.br

RESUMO

Este artigo propõe uma investigação sobre a aplicação da etnomatemática da Umbanda no contexto do ensino fundamental. A etnomatemática é uma abordagem que reconhece e valoriza os conhecimentos matemáticos presentes em diferentes culturas e comunidades, e a Umbanda, como uma religião afro-brasileira, apresenta uma rica gama de práticas matemáticas em seu universo simbólico e ritualístico. O estudo analisa como a introdução desses conhecimentos matemáticos específicos da Umbanda pode engajar e motivar os estudantes, relacionando-os com conceitos matemáticos abordados no currículo formal. Além disso, o artigo explora como essa abordagem pode promover a valorização da diversidade cultural, o respeito às tradições religiosas e o fortalecimento da identidade dos alunos. Por meio de exemplos práticos e reflexões teóricas, são discutidas as possibilidades e os desafios da incorporação da etnomatemática da Umbanda no ensino fundamental, visando uma educação matemática mais contextualizada e significativa.

Palavras-chave: educação, Umbanda, ensino das ciências, estudos culturais.

ABSTRACT

This paper proposes an investigation of the application of ethnomathematics of Umbanda in the context of elementary education. Ethnomathematics is an approach that recognizes and values the mathematical knowledge present in different cultures and communities, and Umbanda, as an Afro-Brazilian religion, presents a rich range of mathematical practices in its symbolic and ritualistic universe. The study examines how the introduction of this Umbanda-specific mathematical knowledge can engage and motivate students by relating it to mathematical concepts covered in the formal curriculum. In addition, the article explores how this approach can promote the appreciation of cultural diversity, respect for religious traditions, and the strengthening of students' identity. By means of practical examples and theoretical reflections, the possibilities and challenges of incorporating ethnomathematics of Umbanda in elementary school are discussed, aiming at a more contextualized and meaningful mathematics education.

Keywords: education, Umbanda, science teaching, cultural studies.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade cultural é um aspecto fundamental da sociedade contemporânea, que exige uma abordagem educacional inclusiva e sensível às diferentes expressões culturais e religiosas presentes em nosso país. Nesse contexto, o ensino de matemática desempenha um papel significativo na formação dos alunos, mas muitas vezes negligencia as contribuições culturais e religiosas que podem enriquecer o processo de aprendizagem.

Diante dessa lacuna, a etnomatemática surge como uma abordagem que busca valorizar e incorporar o conhecimento matemático presente nas diferentes culturas, reconhecendo sua relevância para a compreensão e aplicação dos conceitos matemáticos no cotidiano dos alunos. No entanto, é importante ressaltar que a inclusão da etnomatemática no currículo escolar ainda é limitada, e poucos estudos exploram especificamente sua relação com a cultura religiosa.

Nesse sentido, este trabalho propõe um olhar mais aprofundado sobre a etnomatemática da Umbanda como uma importante manifestação cultural e religiosa brasileira. Partindo do estudo sobre a cultura de Bauman, que enfatiza a fluidez e a diversidade cultural na sociedade contemporânea, e considerando as pesquisas existentes sobre a cultura no ensino de física, este estudo busca compreender a importância da

etnomatemática da Umbanda para o ensino de matemática no contexto do ensino fundamental.

O objetivo é analisar como a incorporação da etnomatemática da Umbanda pode contribuir para uma educação matemática mais inclusiva e combater o racismo religioso. A Umbanda, como uma religião afro-brasileira que mescla elementos do candomblé, espiritismo kardecista e catolicismo, apresenta um vasto conhecimento matemático presente em seus rituais, simbolismos e práticas cotidianas. Ao explorar e valorizar esse conhecimento, podemos oferecer aos alunos uma visão mais ampla e respeitosa da matemática, desconstruindo estereótipos e preconceitos religiosos enraizados na sociedade.

Ao longo deste artigo, serão apresentados estudos teóricos e práticos que sustentam a importância da etnomatemática da Umbanda no ensino de matemática, evidenciando sua relevância para o combate ao racismo religioso e para a construção de uma educação libertadora.

2 PONTOS CULTURAIS

O olhar atento sobre o território brasileiro revela sua constituição, seu povo e sua diversidade cultural. Os hábitos, costumes e tradições de cada região constituem culturas específicas, que abrangem um emaranhado de conhecimentos, artes, leis, crenças, moral, costumes e práticas adquiridas pelo ser humano através da família e da sociedade à qual está inserido.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman destaca que a cultura é um aspecto da realidade social, um dos muitos "fatos sociais" que devem ser adequadamente apreendidos, descritos e representados (BAUMAN, 2012, p.8). Para o autor, o conceito de cultura deve estar estruturado pelas práticas do indivíduo.

O conceito pré-definido de cultura, existente há cem anos, em que se aprendia cultura conforme determinações de uma comunidade, não se aplica plenamente na sociedade moderna. Nessa sociedade, os valores são revistos de acordo com sua utilidade para a coletividade na qual o sujeito está inserido. Assim, a cultura se revela como um

conjunto de movimentos sociais em constante transformação, aprendidos e adequados conforme a apropriação de determinada comunidade.

É fundamental expandir esse olhar para reconhecer as diferenças culturais de cada povo, tanto no Brasil quanto no mundo. Entende-se por "povo" o conjunto de cidadãos que, em determinado momento, constituem uma ou várias famílias e uma nação, estando vinculados a um determinado regime jurídico (Estado). No contexto do populismo, "povo" pode se referir à população de uma cidade ou região pequena. Cada um desses povos possui suas próprias crenças, hábitos e tradições.

Com a globalização, essas diferenças culturais tendem a estabelecer um diálogo, aumentando a interação entre os diversos povos, culturas e identidades. Essa interação cria oportunidades e desafios para compreender e valorizar a diversidade cultural, promovendo um enriquecimento mútuo e uma visão mais ampla das diferentes manifestações culturais presentes em nossa sociedade globalizada. Nesse contexto, é essencial explorar e analisar a etnomatemática da Umbanda no contexto do ensino fundamental, buscando conexões entre essa prática religiosa afro-brasileira e o ensino da matemática, em um esforço para uma educação mais inclusiva e contextualizada.

Para o geógrafo Milton Santos:

A globalização é o estágio supremo da internacionalização. O processo de intercâmbio entre países, que marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período mercantil dos séculos 17 e 18, expande-se com a industrialização, ganha novas bases com a grande indústria, nos fins do século 19, e, agora, adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições. O mundo inteiro torna-se envolvido em todo tipo de troca: técnica, comercial, financeira, cultural. (SANTOS, 1995)

Porém na educação brasileira ainda prevalece a ideia de que o interesse econômico e a Cultura Europeia são as mais importantes e avançadas do mundo: Eurocentrismo, que o sociólogo peruano Aníbal Quijano, conceitua como:

...é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes da metade do século XVII, ainda que algumas de suas raízes sejam sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu

e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América... (QUIJANO 2005, pág. 115)

No contexto da busca por empregabilidade, cidadania global e melhores resultados nas avaliações internacionais, o Brasil propõe a implementação da BNCC (Base Nacional Curricular Comum). A BNCC representa um marco importante na educação brasileira, fornecendo diretrizes claras e objetivas para a organização dos currículos nas escolas de todo o país. Com a BNCC, busca-se promover uma formação mais consistente e alinhada com as demandas da sociedade contemporânea, enfatizando competências e habilidades essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes. Além disso, a adoção da BNCC visa aumentar a equidade educacional, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua localização geográfica ou contexto socioeconômico:

“A BNCC é constituída pelos conhecimentos fundamentais aos quais todo/toda estudante brasileiro/a deve ter acesso para que seus Direitos à Aprendizagem e ao Desenvolvimento sejam assegurados” (BRASIL, 2015, p. 16).

No atual contexto, o Currículo Escolar Brasileiro tem sido percebido como padronizado e único, com o objetivo de refletir uma constituição alinhada aos valores da burguesia europeia, caracterizada como branca, católica, individualista e capitalista. Nessa perspectiva, a Base Curricular Comum enfrenta críticas relacionadas à seu potencial capacidade de desconsiderar e anular as diferentes formas de pensar e agir presentes na diversidade cultural do nosso país. Essa base curricular tem sido amplamente debatida e criticada, uma vez que sua finalidade é a padronização do currículo brasileiro.

3 O PONTO DA EDUCAÇÃO

A padronização no ensino brasileiro prejudica, em certa medida, o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, uma vez que é essencial que eles sejam expostos a experiências socioeducacionais e socioculturais para que possam evoluir com alegria, sentindo-se respeitados como cidadãos inseridos em determinada sociedade. De acordo com professor João Zanetic:

Um fator determinante no encaminhamento de um jovem para o encantamento com o conhecimento, para o estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, para a problematização consciente de temas e saberes, é a vivência de um ambiente escolar e cultural rico e estimulador, que possibilite o desabrochar da curiosidade epistemológica. (ZANETIC,1989, p.21).

Em sua tese, o autor reafirma a proposta de Paulo Freire (1993) de que a educação deve estimular a curiosidade epistemológica do aluno, segundo a qual assim define:

A curiosidade de que falo não é, obviamente, a curiosidade “desarmada” com que olho as nuvens que se movem rápidas, alongando-se umas nas outras, no fundo azul do céu. É a curiosidade metódica, exigente, que, tomando distância do seu objeto, dele se aproxima para conhecê-lo e dele falar profundamente. (FREIRE, 1993 P. 116)

Para os autores, a curiosidade desempenha um papel fundamental no aprimoramento do ensino-aprendizagem nas escolas. No entanto, não se trata da curiosidade infantil e inocente, mas sim daquela que surge a partir de um conhecimento prévio. É essa energia proveniente da curiosidade que impulsiona o aluno a buscar a melhoria em seu aprendizado, com o objetivo de aprofundar seu conhecimento em áreas que pareciam já dominadas. Independentemente da disciplina ou matéria em que esteja envolvido, a curiosidade se mostra como um fator essencial para impulsionar o estudante a buscar um maior entendimento, independente da área do conhecimento.

Com o objetivo de promover o domínio do conhecimento e a formação contínua, é necessário levar em consideração as experiências sociais, históricas e culturais vivenciadas pelos estudantes em suas comunidades. Seguindo a perspectiva do filósofo francês Foucault, que enfatiza que o conhecimento não é um ato puro e desvinculado do mundo, é importante reconhecer que o processo de aprendizagem está intrinsecamente relacionado com o contexto em que ocorre. Dessa forma, ao considerar as vivências dos alunos e a influência do mundo ao seu redor, busca-se uma abordagem educacional mais significativa e comprometida com a realidade em que estão inseridos.

Dessa forma, a escola tradicional se revela inadequada e, até mesmo, violenta para os próprios estudantes. Nesse contexto, eles riem e deboçam do que não se encaixa no modelo tradicional de ensino, associando o conhecimento à feiura, à obscuridade e ao

relativo. Isso resulta em uma ocultação do belo que está presente na descoberta, no processo de aprendizagem e na exploração do novo.

De acordo com Freire (1993), a educação desempenha um papel essencial na formação do indivíduo, buscando libertá-lo das correntes que o aprisionam, pois ele não pode fazê-lo sozinho. Por meio de um diálogo crítico e libertador, a educação tem o poder de retirar as pessoas da posição de oprimidos, promovendo sua autonomia.

Freire (1993) se posicionou de forma crítica em relação ao Currículo Único Nacional, defendendo a ideia de que cada região deveria ter seu próprio currículo. Ele acreditava que ao inserir a realidade social de cada cidadão no currículo, seria mais fácil abordar os conteúdos em sala de aula. Dessa maneira, os alunos teriam consciência de sua importância dentro da sociedade e seriam capazes de identificar as opressões que enfrentam, buscando a libertação dessas opressões e tornando-se indivíduos livres. A pedagogia libertadora transforma o indivíduo em um ser crítico, reflexivo, capaz de mudar a sua realidade e dos que convivem ao seu redor. É aquela que trás a compreensão da importância do indivíduo para a humanidade.

No percurso acadêmico, as contribuições teóricas do pedagogo francês George Snyders (1988) se alinham com as ideias de Freire (1993), ao fundamentarem-se em uma análise da luta de classes na educação. Snyders reitera que a escola dos seus sonhos deve ter como base a busca pela satisfação que a cultura pode e deve proporcionar aos alunos. Como uma expressão dessas ideias, o autor escreveu o livro "A alegria na escola", abordando o tema em questão:

A escola dá aos jovens uma alegria que legitima os esforços que ela reclama? Na verdade, esta pergunta contém outra - e que é a verdadeira: como podemos transformar a escola para que ... Dez anos obrigatórios de escola: são dez anos feitos para a satisfação cultural. Que a escola se apodere deste proverbio inglês: "O objetivo é ser feliz; O momento para ser feliz é agora: O lugar para ser feliz é aqui". (SNYDERS, 1988, p.3).

Conforme a visão do autor, é fundamental que o aluno experimente prazer ao estar na escola e se sinta parte integrante do conhecimento pré-existente. Dessa forma, os dez anos de vivência na escola não seriam caracterizados como períodos de opressão, discriminação e ódio. A discriminação vai além de simples risos e deboches, afetando

raças, religiões e linguagens que não se enquadram nos padrões embutidos no currículo brasileiro. O autor deposita suas esperanças na renovação dos conteúdos culturais como uma forma de superar essa realidade e promover uma educação mais inclusiva e respeitosa.

Snyders (1988) destaca que o ponto de partida deve ser o conteúdo abordado em cada disciplina. Seu propósito é construir o conhecimento de forma científica, possibilitando a formação do indivíduo e a assimilação do conhecimento que deve ser dialogado pela sociedade em que ele está inserido, resultando em uma maior humanização. Dessa maneira, o aluno se torna um cidadão crítico, capaz de lutar pelos seus direitos e pela sua classe.

4 O PONTO DAS CIÊNCIAS E DA MATEMÁTICA

Com o objetivo de reduzir essas disparidades, políticas públicas vêm abrindo caminho para a inclusão da cultura negra no currículo. Um exemplo disso é a Lei 10.639/2003, que estabelece a inclusão da disciplina "História e Cultura Afro-Brasileira" nas escolas brasileiras. No entanto, acreditamos que, para a escola se tornar verdadeiramente libertadora, a cultura não pode ser limitada a uma única disciplina. Não devemos acreditar que os 50 minutos de aula sejam o fator primordial para estimular o aluno. No entanto, reconhecemos que a origem dessa mudança ocorreu com a criação da lei mencionada acima.

Em todas as áreas do conhecimento, busca-se rever o tradicionalismo no ensino, e o ensino de ciências não deve ser diferente. Apesar do senso comum tender a associar o ensino de ciências a conteúdos teóricos baseados em memorização de fórmulas, pesquisadores como Nascimento (2013), Zanetic (1989) e D'Ambrósio (1998) sustentam que a aprendizagem das ciências, quando inserida na cultura, pode se tornar prazerosa. O despertar da curiosidade epistemológica se materializa quase que instantaneamente, oferecendo uma nova perspectiva na forma como os alunos interagem com os conhecimentos científicos.

A experiência em sala de aula me levou acreditar que é necessário desenvolver estratégias capazes de levar o aluno a desafiar suas concepções de um mundo

pelo estímulo de sua imaginação e criatividade, duas chaves usualmente pouco abordadas nas aulas de Física. Levar o estudante a compreender a questionar o mundo que o cerca, através da investigação, significa capacitá-lo a contribuir para a melhoria da sociedade em que se vê inserido. (NASCIMENTO, 2013, P.12).

Enfatizando o que aqui foi exposto, o autor explica que através de sua experiência profissional e pessoal, em conformidade com o embasamento bibliográfico levantado em sua trajetória acadêmica, a criticidade e curiosidade epistemológica se faz presente ao aluno quando há o estímulo de sua imaginação e criatividade. E sustenta que estas podem ser ativadas através do seu próprio ambiente sociocultural e político por meio da leitura.

Apesar de o foco do autor estar no ensino da Física, seu objetivo central abrange todo o ensino de ciências em geral. Ele acredita que a satisfação cultural pode ser introduzida aos alunos por meio da leitura nas aulas de Física. Em diálogo com o professor Zanetic, é proposto que "todo professor, independentemente da disciplina que ensina, é professor de leitura, e isso pode ser transformado em uma atividade interdisciplinar envolvendo os professores de Física, Português e História" (ZANETIC, p.22).

A Matemática, como uma área do conhecimento, é reconhecida como uma ciência exata de suma importância para o desenvolvimento individual. No entanto, não se pode ignorar a discussão cultural relacionada a essa disciplina. Conceituada como a ciência dos números, das formas, da precisão e da exatidão, seu rigor pode torná-la excludente de outras formas de pensamento, o que pode ser opressor para aqueles que não conseguem dominá-la. Portanto, é crucial contextualizar o ensino de Matemática, tornando-o menos excludente e mais acessível. Para D'Ambrósio:

...é importante esclarecer que entendo matemática como uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história para explicar, para entender, para manejar e conviver com a realidade sensível, perceptível, e com o seu imaginário, naturalmente dentro de um contexto natural e cultural. Isso se dá também com as técnicas, as artes, as religiões e as ciências em geral. (D'AMBROSIO, 1998, p.102).

O autor realiza uma análise de sua perspectiva em relação à matemática. Ele é pai de um importante programa de ensino dessa disciplina e explora a importância de adotar

uma abordagem diferenciada para o ensino e a aprendizagem. D'Ambrósio propõe que a absorção da matemática requer uma base na vivência e experiência de cada indivíduo, em um contexto cultural e natural, utilizando técnicas de explicação, conhecimento e compreensão.

Esse programa é chamado Etnomatemática e busca incorporar a cultura e os conhecimentos prévios do aluno, sem excluir completamente o ensino de fórmulas e a memorização. O autor afirma que: "... só é justificável insistirmos em educação para todos se for possível alcançar, por meio dela, uma melhor qualidade de vida e uma maior dignidade da humanidade como um todo" (D'Ambrósio, 1988, p. 15). Mas o que é a Etnomatemática? De acordo com o autor:

(...) etno é hoje aceito como algo muito amplo, referente ao contexto cultural, e, portanto inclui considerações como linguagens, jargão, códigos de comportamento, mitos e símbolos; matema é uma raiz difícil, que vai a direção de explicar, de conhecer, de entender; e tica sem duvida vem de techen, que a mesma raiz de arte e de técnica. (D'AMBROSIO, 1998, p.5-6)

Nessa abordagem, o enfoque *etno* é totalmente baseado em experiências empíricas, em que "ser diferente de mim" requer conhecimentos formais e informais próprios. Dessa forma, podem existir diversas abordagens dentro do ambiente escolar que proporcionam compreensão para o "outro" de determinado contexto cultural e social. Utilizando a técnica de explicação, conhecimento e compreensão do mundo do aluno, o objetivo é alcançar uma compreensão profunda que possa ser considerada como uma raiz difícil.

No entanto, a proposta final da etnomatemática é dar voz aos oprimidos, desvendando a realidade para buscá-la compreender. Em outras palavras, o ponto de partida é identificar o problema da realidade do aluno por meio do professor e, posteriormente, esse problema é estudado com todos na sala de aula. O objetivo é encontrar formas de raciocínio lógico-matemático nos momentos socioculturais do indivíduo.

Entretanto, D'Ambrósio (1998) adota uma perspectiva integralmente histórica acerca da origem da etnomatemática. Segundo o autor, ao longo de toda a história, ocorreu

um desenvolvimento matemático que se adaptava às necessidades e culturas de cada época. Assim surge a etnomatemática, propondo ouvir as comunidades locais e observar o que elas fazem no dia a dia para raciocinar de forma lógico-matemática. Observa-se como as pessoas agem de acordo com suas experiências matemáticas, não se baseando apenas na memorização de fórmulas, mas sim na ordenação, organização, medição, classificação, entre outros aspectos. E é através da observação da construção do abstrato que a etnomatemática se desenvolve.

Nessa perspectiva, o programa representa uma oportunidade de abordar o ensino de matemática de maneira menos focada em conteúdos específicos. Ele propõe um trabalho diferenciado nas escolas, destacando o conhecimento sociocultural do aluno. O objetivo é explicar e compreender a maneira como o aluno pensa e age, permitindo que ele pratique a matemática de forma contemporânea e alinhada com sua própria realidade.

5 O PONTO DA UMBANDA

Como umbandista e professora de matemática do ensino fundamental, especialmente nas séries finais, em escolas públicas, tenho sido testemunha de inúmeros preconceitos relacionados à minha religião. Sou frequentemente questionada pelos alunos com comentários como: "Professora, você é macumbeira?", "O que é esse fio de contas no seu pescoço?", "Eu vi uma macumba perto da minha casa", "Minha vizinha canta umas músicas estranhas", "Qual é a sua religião?", "Isso é coisa do demônio, está repreendido".

Esses tipos de comentários revelam a existência de estereótipos e estigmas associados à minha crença religiosa. Essas experiências pessoais e profissionais evidenciam a necessidade de abordar o respeito à diversidade religiosa no ambiente escolar e combater os preconceitos que surgem em relação à religião umbandista. Como educadora, meu objetivo é promover a inclusão, o respeito e a compreensão entre os alunos, independentemente de suas crenças religiosas. É fundamental proporcionar um ambiente acolhedor e seguro, onde todos os estudantes se sintam respeitados em sua individualidade e não sejam alvo de discriminação religiosa.

Para enfrentar esses desafios, é necessário realizar um trabalho contínuo de conscientização, diálogo e educação acerca da diversidade religiosa. Essa abordagem

pode envolver a promoção de discussões em sala de aula, a realização de palestras ou atividades que abordem diferentes religiões de maneira imparcial e informativa, além do estabelecimento de políticas escolares claras que combatam a discriminação religiosa.

Somente por meio de uma educação inclusiva e respeitosa, que valorize e compreenda as diferentes crenças religiosas, é possível construir uma sociedade mais tolerante e igualitária, na qual cada indivíduo tenha liberdade para expressar sua fé sem ser alvo de preconceito ou discriminação.

No contexto da Umbanda, é importante compreender sua natureza como uma religião relativamente recente, com aproximadamente um século de existência, e profundamente enraizada na cultura brasileira. Embora suas origens estejam fundamentadas nas religiões de matriz africana, que veneram os orixás, e nos rituais indígenas voltados para a cura espiritual e física, a Umbanda representa uma fusão de diversas crenças. Além disso, o espiritismo kardecista e o catolicismo também desempenham um papel significativo nessa religião, por meio da prática de comunicação com o mundo espiritual e da sincretização dos santos católicos para simbolizar os orixás. De acordo com Saracine (2004):

Se as práticas de Umbanda não são novas, no entanto, nova é a forma como elas acontecem dentro dos centros. Mas, se assim acontecem, isso se deve à forma como a Umbanda foi idealizada para auxiliar a evolução espiritual de milhões de seres humanos. (SARACINE, 2004, P.21)

O Brasil abriga uma nova religião que celebra a diversidade dos povos e culturas, enriquecendo assim o panorama espiritual mundial. Essa religião, conhecida como Umbanda, tem suas raízes no culto aos orixás trazidos pelos nossos irmãos negros, originários do vasto continente africano, durante o período da escravidão, e tem sido praticada no país desde meados do século XIX.

Com os Orixás como ancestralidade, a Umbanda se manifesta através de diferentes linhas, como Pretos Velhos, Caboclos, Crianças e Exus. Todas elas têm como propósito comum promover a evolução espiritual por meio da fé e de práticas mágicas. Ao longo do tempo, a Umbanda se distanciou do candomblé e adquiriu semelhanças com o espiritismo, incorporando a utilização de passes magnéticos e incorporações mediúnicas

para a manifestação de espíritos que se identificam como Pretos Velhos, Caboclos, Crianças e Exus.

Atualmente, a Umbanda está ultrapassando as fronteiras do Brasil e se difundindo pelo mundo. No entanto, ainda enfrenta resistências e intolerância religiosa, uma vez que suas práticas são frequentemente mal compreendidas e alvo de agressões silenciadoras. Apesar disso, sua resiliência é admirável, pois é a única religião capaz de unir negros, indígenas e europeus em uma mesma experiência espiritual. Segundo Saraceni (2004):

[...]berço natal da Umbanda, a única religião que reuniu em si três outras religiões: a europeia, a indígena e a africana, mostrando a todos que divisões religiosas só existem na mente dos racistas ou dos preconceituosos, pois aos olhos de Deus todos somos Seus filhos diletos e amados.(SARACENI,2004, P.42)

A atual realidade de intolerância religiosa no país, impulsionada pelo ódio e pelo racismo presentes em algumas religiões e indivíduos, é motivo de grande preocupação para todos os seguidores dessas crenças. Combater a intolerância requer um esforço em mostrar ao intolerante a extensão de sua ignorância em relação a assuntos que lhe são completamente desconhecidos. É por meio da aplicação da etnomatemática, com aulas que abordem o conhecimento da Aruanda e da Umbanda, que desejo ensinar às crianças a importância do respeito e, quem sabe, desconstruir os conceitos errôneos e preconceituosos que lhes foram transmitidos.

A etnomatemática oferece uma abordagem interdisciplinar que permite explorar diferentes culturas, incluindo as religiões de matriz africana, como a Aruanda e a Umbanda. Por meio dessa abordagem, as crianças são convidadas a compreender e valorizar a diversidade religiosa, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados. Ao proporcionar um espaço de aprendizado que inclua o conhecimento e o respeito às práticas religiosas, a etnomatemática contribui para a formação de indivíduos mais tolerantes, capazes de desconstruir ideias preconceituosas e construir uma sociedade mais inclusiva.

Nesse sentido, é fundamental que os educadores sejam facilitadores desse processo, promovendo discussões e reflexões em sala de aula, abrindo espaço para o

diálogo e a troca de experiências. Ao integrar a etnomatemática ao currículo escolar, estamos fortalecendo a educação como ferramenta de combate à intolerância religiosa, proporcionando às crianças a oportunidade de se tornarem agentes de mudança, capazes de reconhecer e respeitar a diversidade cultural e religiosa do país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das particularidades e fenômenos da Umbanda como uma religião rica em cultura e diversidade tem um papel fundamental no combate ao racismo religioso. Ao compreender e valorizar essa religião, estamos também aprendendo a respeitar milhares de pessoas que encontram na Umbanda uma fonte de refúgio diante das adversidades do mundo e um sinônimo de sua fé.

A educação desempenha um papel crucial na desconstrução de preconceitos e intolerância existentes em relação a essa cultura marginalizada há séculos, devido à sua falta de conhecimento e compreensão. A escola, como instituição de ensino, deve ter como objetivo fornecer uma educação que permita aos alunos uma leitura compreensiva do mundo, capacitando-os a dominar o conhecimento e a continuar sua formação com base em suas experiências sociais, históricas e culturais vivenciadas na comunidade em que estão inseridos.

É evidente que existem aberturas didáticas e pedagógicas sobre o tema, bem como políticas públicas que respaldam a discussão proposta. Portanto, temos os recursos necessários para iniciar o processo de inclusão da Umbanda na educação, criando um ambiente propício para o aprendizado e o respeito à diversidade religiosa. Essa iniciativa contribuirá para a formação de indivíduos conscientes, capazes de reconhecer e valorizar as diferentes religiões presentes em nossa sociedade, combatendo assim o racismo religioso e promovendo uma convivência harmoniosa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BAUMAN,Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Zahar. 2012

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: arte e técnica de aprender**. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBROSIO,U. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino**. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a08v31n1.pdf> Acesso em: 20/ago./2019

FREIRE,P. **Políticas e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez. 1993.

MANDELA, N. Epígrafe. In: Resoluções da II CONAPIR. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/resolucoes-da-ii-conapir/view> Acesso em: 01/set./2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://historiadabncc.mec.gov.br/#/site/inicio> Acesso em: 18 ago. 2019.

NASCIMENTO, F. **Quarteto Fantástico: Ensino da Física, Historias em Quadrinhos, Ficção Científica e Satisfação Cultural**. 2013. Dissertação (dissertação em Física) – USP. São Paulo. 2013.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: Lander, Edgardo (Org.) A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS,M. **Por uma globalização mais humana**. Revista Prosa Verso e Arte.<<https://www.revistaprosaversoearte.com/por-uma-globalizacao-mais-humana-texto-geografo-milton-santos/>> Acesso em: 18 ago. 2019.

SARACINE,R. **Código de umbanda / Espíritos Diversos; [psicografado por] Rubens Saraceni**. São Paulo: Madras, 2004.

ZANETIC, J. **Física e Cultura**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n3/a14v57n3.pdf> Acesso em: 18 ago. 2019.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.